

reportagem cultural

Trajeto em ascensão

Rafael Gloria, especial para o JC *

Quando Natalia Borges Poleso nasceu na cidade de Bento Gonçalves, ela foi diagnosticada com a síndrome Wolff-Parkinson-White (WPW) que, resumidamente, causa um batimento cardíaco acelerado, podendo levar a outras complicações. Como estava muito sintomática, precisou ficar um mês de observação no Instituto do Coração em Porto Alegre. “Brinco que eu nasci e fui dar uma volta na Capital. Em seguida, meus pais se mudaram para Caxias do Sul, queriam ficar mais perto da família, pois não sabiam o que poderia acontecer”, explica. Somente anos depois ela faria a cirurgia para a resolução do problema.

Mas isso não a impediu de aproveitar parte da infância e da adolescência na cidade de Campo Bom, na qual morou dos 8 aos 16 anos. “Eu adorava estar no colégio, fazer todos os esportes. Eu acho que, na verdade, eles mais me ajudaram do que me atrapalharam. Ao mesmo tempo que eu era essa guria super esportista, eu também fazia parte do clube de xadrez”, conta. Na quinta série do fundamental, ela escreveu um poema no Dia das Mães que aca-

bou sendo lido para a escola toda. Na época, já adorava deixar os cadernos cheios de histórias.

Com o divórcio dos pais, Natalia acabou retornando para Caxias, onde terminou o ensino médio. “A mudança de ambiente para uma cidade grande, e o fato de estudar à noite, realmente foi um choque”, afirma. Com o vestibular chegando, ela pensou em algumas opções, entre elas Medicina e Educação Física. “Medicina eu não imaginava como articular dinheiro para fazer e por conta do meu problema cardíaco - fiquei sintomática nessa época - achei que Educação Física podia não ser uma boa ideia. Aí resolvi ir para a Letras mais pelo inglês, que eu gostava bastante. Percebi que podia dar aula e ter meu dinheiro, e, com isso, independência”, analisa. Tinha familiaridade com a língua estrangeira principalmente a partir da escuta de artistas como Madonna, Cranberries e Alanis Morissette.

Foi durante a graduação na Universidade de Caxias do Sul (UCS) que Natalia começou a ler mais. “Eu entrei com 17 anos na faculdade, então, comecei a aumentar a leitura, simplesmente, porque tive acesso a uma grande

biblioteca. Como aluna de inglês da Letras fui lá e peguei todos os Shakespeare possíveis. Lia de tudo, meio rizomaticamente”, aponta. Durante todo o período da faculdade, ela trabalhava, dando aulas de inglês, o que fez com que ela levasse oito anos até a formatura, em 2007.

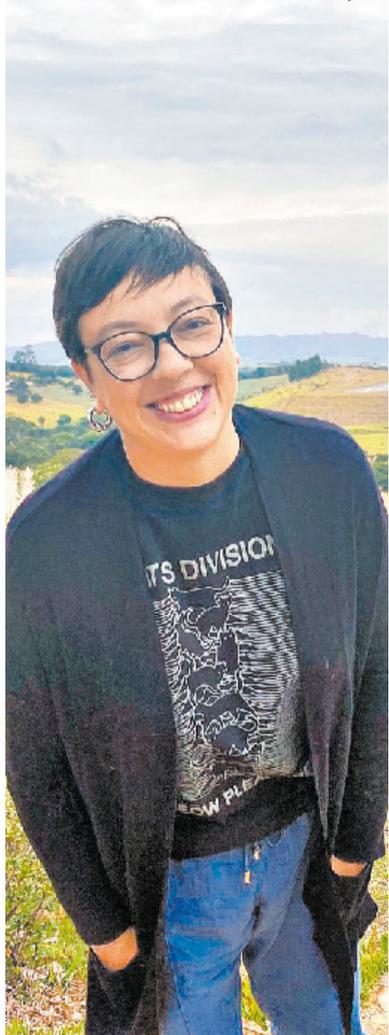
Paralelamente, Natalia continuava escrevendo e, incentivada por amigos leitores no final da graduação, se inscreveu no tradicional Concurso Anual Literário de Caxias do Sul. “Acabei ganhando duas vezes, acho que foi em uma edição no conto e na outra em poesia”, diz. No mesmo período surgiu também o blog *A Inércia de Alice*, em que postava textos e exercícios de escrita. Os contos do concurso foram publicados em uma antologia.

Em 2009, Natalia ingressou no mestrado na mesma instituição. “Trabalhei com a obra da escritora Tânia Faillace para falar de espaço, que sempre foi uma coisa que eu gostei, e aí de fato comecei a ter uma vida acadêmica mais ligada a eventos, apresentações de trabalho”, afirma. Ela conta que também foi importante o fato de ter tido uma bolsa integral na pesquisa para poder se dedicar.



Pais de Natalia foram morar em Caxias do Sul na infância da futura escritora

ARQUIVO PESSOAL NATALIA BORGES POLESSO/REPRODUÇÃO/JC



Projeção nacional veio com *Amora*, livro que ganhou o Jabuti em 2016

De Recortes à Amora

Foi em 2013 que Natalia lançou o seu primeiro livro, intitulado *Recortes para álbum de fotografia sem gente*, pela editora Modelo de Nuvem, de Caxias do Sul. A obra foi editada por Marco de Menezes e Camila Cornutti com o apoio do Edital Financiarte, da cidade. “Acho que esse livro tem junção de textos de 10 anos, mais ou menos. Ele tem cara de primeiro livro, foi uma edição bem cuidadosa”, diz a escritora. Marco conta que gostou dos textos de imediato. “Eles falavam (e falam) em uma língua cognoscível e ao mesmo tempo estrangeira, com muito de fluxo de consciência e de ríspido cotidiano, mas com personagens como nós mesmos, tão acalorados e friorentos”, aponta. O *Recortes* ganharia no mesmo ano o prêmio Açorianos de Literatura na categoria conto, e seria o início de uma carreira de projeção nacional.

Nessa época, Natalia se dividia entre Caxias e Porto Alegre, pois começava a cursar o doutorado em Teoria Literária na Pucrs. Para ela, foi um momento

de produção e de conhecimento frutífero e também de ampliação dos horizontes. “Várias coisas mudaram meu olhar para que eu me pensasse escritora: a minha primeira publicação, o fato de estar na Pucrs, porque eu era completamente alheia à vida de escrita que existia em Porto Alegre”, explica. Conheceu, entre outros, autores como Moema Vilela, Davi Boaventura e Jeferson Tenório, participando também de eventos literários na cidade.

Em 2015, aconteceu o lançamento do *Amora*, pela Não Editora. O livro ganhou o prêmio Jabuti, em 2016, na categoria Contos, dando uma projeção nacional para a escritora. “Foi uma mudança total. Lembro que o livro estava quase esgotado em uma Feira do Livro de Porto Alegre”, diz. Natalia, então, começou a ser chamada para muitos eventos em todo o Brasil e também fora do País. “Na esteira disso teve o Bogotá 39, que me fez conhecer muitos lugares da América Latina e diversos escritores. E isso mudou completamente a minha relação com a

literatura, inclusive, geograficamente”, conta.

A jornalista e livreira Nanni Rios lembra da sensação depois de terminada a leitura de *Amora*. “Pensei: ‘esse foi o livro que eu esperei toda a minha vida para ler’. Pela presença de personagens mulheres em todos os contos, todas elas donas de suas próprias histórias, vivências e desejos. Aquilo era inédito pra mim”, diz. Inclusive, o livro a fez repensar toda a curadoria da livraria. “Afinal, que tipo de literatura eu queria oferecer pras pessoas? Foi uma verdadeira revolução, mudou tudo. Daí comecei a chamá-la para eventos e atividades na Baleia. Então, engatamos a amizade que existe hoje”, relata.

Sobre o processo de escrita, Natalia diz que demorou cerca de três anos para a conclusão da obra. Variando no tempo de trabalho em cada conto. O conto *Marília Acorda*, sobre a rotina de um casal de duas senhoras, um dos seus favoritos, ela diz que escreveu em cerca de um dia. Já, por exemplo, *Tia Marga* demorou seis

meses para chegar ao final. “Um dia eu estava andando na rua e me veio como o final deveria ser. Eu tinha que trazer essa ideia de desbalanço, porque essa família funciona assim”, afirma. O livro é composto por 33 contos que versam resumidamente sobre as diferentes manifestações de amor entre mulheres.

A crítica literária Paula Sperb publicava alguns dos primeiros textos literários no extinto jornal *O Caxiense*, no qual era uma das editoras. O periódico circulou na cidade serrana entre 2009 e o começo de 2013. “Quando ela lançou o primeiro livro, o *Recortes*, eu lamentei muito que o jornal já não estivesse mais ativo, porque eu queria muito ter essa crítica, para apresentar para a comunidade de leitores”, comenta. Paula conta que participou da banca julgadora do edital municipal que financiou o lançamento de *Amora*. “Colaborei para dar esse parecer positivo e, depois, o livro fez todo um caminho super importante, uma voz fundamental da literatura LGBTQIA+”, reflete.